



Disponível em
<http://www.desafioonline.com.br/publicações>
Desafio Online, Campo Grande, v. 2, n. 2, Mai./Ago. 2014



ANÁLISE DA COMPETITIVIDADE DA BOVINOCULTURA DE CORTE EM MATO GROSSO DO SUL

Competitiveness Analysis of Beef Cattle in Mato Grosso Do Sul

Mayra Batista Bitencourt Fagundes¹

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Professora Adjunta

bitencourtmayra@gmail.com

Larissa Vital de Souza

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Graduanda em Ciências Econômicas

lavidesouza@gmail.com

Bruna Laís Ojeda Cruz

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Graduanda em Ciências Econômicas

lavidesouza@gmail.com

André Felipe de Souza

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Graduando em Ciências Econômicas

andrefelipesouza10@gmail.com

Susan Yuko Higashi

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Mestranda em Administração

susan_yuko@hotmail.com

¹ Professora Adjunta da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, leciona no Programa de Pós-Graduação em Administração e no Curso de Ciências Econômicas.

RESUMO

O objetivo deste artigo consiste em avaliar a competitividade da carne bovina de Mato Grosso do Sul, no período entre 2005 a 2012. Para mostrar se há competitividade foram utilizados os índices de vantagem comparativa revelada e o de contribuição ao saldo comercial. Para o cálculo foi utilizado os dados referentes às exportações e às importações de carne sul mato-grossenses, o PIB estadual, as exportações de carne e as exportações totais brasileiras. De tal modo, foi possível constatar que o estado de Mato Grosso do Sul é competitivo, no que se refere ao mercado de carne bovina. Isso foi evidenciado em relação a todos os anos analisados. Os índices ajustados também mostraram vantagem comparativa revelada, com exceção do ano de 2005, mostrando desvantagem para o setor em nível nacional. Portanto, conclui-se que a cadeia de pecuária de corte exerce grande importância no âmbito econômico sul mato-grossense.

PALAVRAS-CHAVE: Agronegócio, Pecuária de Corte, Competitividade.

ABSTRACT

The purpose of this article is to assess the competitiveness of beef from Mato Grosso do Sul, in the period 2005-2010. To show that there is competitiveness indices of revealed comparative advantage and the contribution to the trade balance were used. To calculate the data on exports and on imports of Mato Grosso meat south, the state's GDP, exports of meat and total Brazilian exports was used. Therefore, it was established that the state of Mato Grosso do Sul is competitive with regard to the beef market. This was evidenced for all the years analyzed. The adjusted indices also showed revealed comparative advantage, with the exception of 2005, showing a disadvantage for the sector nationally. Therefore, it is concluded that the chain of beef cattle has great importance in southern Mato Grosso economic sector.

KEYWORDS: Agribusiness, Cattle, Competitiveness.

1. Introdução

A pecuária ocupa posição de destaque na economia brasileira, sendo uma das principais atividades do país. De acordo com IBGE (2013), no ano de 2011, ela em conjunto com a agricultura teve participação de 5,46% na formação do PIB do Brasil. E também foi responsável pelo faturamento de 5,3 bilhões de dólares das exportações brasileiras, que no total são de 256 bilhões de dólares. (SECEX/MDIC, 2012).

O abate de bovinos, durante 2005 a 2012, teve variação de crescimento médio de 44%, enquanto que os valores médios advindos da exportação foram de 4,6 bilhões de dólares. Em 2010 a produção de carne foi de 8.916 mil toneladas (MDIC, 2011). O Brasil possui o maior rebanho bovino comercial do mundo, com 209 milhões de cabeças em 2010 (SECEX, 2011). Os mercados que mais se destacaram na compra de carne brasileira em 2012, foram Rússia, com 1.102 milhões de dólares e 261 mil toneladas, seguida de Hong Kong com

821 milhões de dólares e 221 mil toneladas e em terceiro, vem o Egito com 521 milhões de dólares e 139 mil toneladas (ABIEC, 2012).

E para o Estado de Mato Grosso do Sul essa importância econômica é ainda maior, pois a pecuária junto com a agricultura representou, em 2011, 14,04% do PIB do estado (SEMAC, 2013). O estado de Mato Grosso do Sul, apresentou um crescimento de 30,78% de suas exportações em carne bovina em US\$ (1.000 FOB) para o período de 2005 a 2012 (SEMAC, 2013). O rebanho bovino do Estado de Mato Grosso do Sul é o 3º maior do País, com 22,3 milhões de cabeças, o que representa 10,88% do rebanho brasileiro, em 2009 (IBGE, 2009), sendo o quarto maior exportador de carne bovina do país, com 111.341.831 (kg), no ano de 2012 (IBGE, 2013).

O setor pecuário, num modo geral, apresenta condições que limitam seu desenvolvimento, e que reflete na sua competitividade. No Brasil, as normas de inspeção sanitárias são vulneráveis, não garantindo a qualidade totalmente da carne produzida, assim como o uso excessivo de rações hormonais e antibióticos, que limitam as exportações, já que alguns países possuem medidas de segurança, e dão preferência ao gado tratado com ração animal. A criação de gado que acontece majoritariamente de forma extensiva, muitas vezes em áreas com pastagem degradada e, assim, de baixa produtividade, também caracteriza as limitações do setor.

No Mato Grosso do Sul, os limites da pecuária são em especial, a participação das zonas de alta vigilância, que são ligadas a altos índices de febre aftosa, a proximidade com outros países, em especial aos que se faz fronteira, assim como a questão logística deficiente, que é feita em maioria por rodovias, que leva ao desgaste do produto, e interfere na qualidade do mesmo.

Neste contexto, o presente trabalho tem por objetivo avaliar a competitividade da carne bovina de Mato Grosso do Sul no mercado nacional de 2005 a 2012, tendo como justificativa para a delimitação da série o fato de que no ano de 2005 iniciou-se um agravamento nas condições da prática e comércio da agropecuária, entrando em um ciclo recessivo, seguido de uma fase de recuperação entre 2006 e 2008, em que em 2009 houve o marco da crise mundial, em que suas consequências puderam ser vistas nos anos de 2010, 2011 e 2012. Em decorrência desse cenário, questiona-se: O setor de bovinocultura de corte proporciona competitividade para o Mato Grosso do Sul, levando-se em conta a participação de suas exportações de carne bovina em relação ao mercado nacional?

Com o fim de ponderar a competitividade da bovinocultura de corte no estado de Mato Grosso do Sul, entre 2005 e 2012, fez-se uso dos índices de competitividade propostos por Balassa (1977) e Lafay (1990). Segundo Batalha (2008) e Batista (2002), o principal indicador de competitividade revelada está ligado à participação de um produto ou empresa em um determinado mercado. Isso é possível porque, de alguma forma, o mercado estaria sancionando a decisão estratégica dos agentes.

Segundo Cruz e Rosseto (2001), as organizações econômicas estão inseridas num macro ambiente dinâmico, caracterizado pela velocidade com que ocorrem as transformações de cunho social e político, sendo que a sobrevivência da cadeia de produção passa a depender cada vez mais da sua capacidade competitiva. Para Coelho (2005), a competitividade é ainda mais ampla. Trata-se da capacidade de um país criar condições para que as empresas produzam o maior bem-estar possível para seus cidadãos, e que esse efeito se estenda a outros países. De modo que vem crescendo a relevância da construção de indicadores de competitividade, que possibilitam uma análise das vantagens e desvantagens enfrentadas pelas distintas regiões produtoras.

A relevância desta pesquisa se dá, tendo em vista a importância da bovinocultura de corte no estado de Mato Grosso do Sul, de modo que com o auxílio dos indicadores, é possível encontrar resultados que mostram os avanços e/ ou retrocessos obtidos ao longo do tempo. E a partir destes resultados, é possível ajustar as metas, redirecionar estratégias e monitorar as condições que influem sobre o comércio bovino, possibilitando assim, racionalizar o uso dos recursos para melhorar a competitividade do setor.

De mesmo modo, sua importância acadêmica é vista em trabalhos existentes sobre o assunto, tanto nacionais como internacionais, como em Pais, Gomes e Coronel (2012) no seu trabalho sobre a competitividade do setor exportador brasileiro de minério de ferro, e em Lacayo e Morales (2007) no seu trabalho sobre o desempenho das exportações no setor agrícola do Chile, o que evidencia a necessidade de se fazer tal análise para o setor pecuário de Mato Grosso do Sul, por ser uma atividade relevante para a economia estadual.

Desse modo, esse trabalho visa mostrar as oscilações sofridas na atividade pecuária do estado de 2005 a 2010, de acordo com as variáveis externas, e para tanto, utiliza-se o Índice de Vantagem Comparativa Revelada (IVCR) e o Índice de Contribuição do Saldo Comercial (ICSC).

2. REFERENCIAL

2.1 Índices de Vantagem Comparativa Revelada (IVCR)

De acordo com Santos et al. (2005), o conceito de vantagem comparativa, de maneira simplificada, procura demonstrar que o comércio internacional é vantajoso quando os países se dedicam a produzir apenas aqueles bens em que são comparativamente mais eficientes do que outros países. Busca-se, assim, mensurar o desempenho exportador em produtos em que o país apresenta vantagem comparativa com base nos registros de comércio passado, pressupondo-se que a eficiência produtiva relativa de um país pode ser identificada por meio de seu desempenho no comércio internacional.

Inicialmente a ideia do comércio internacional se justificava baseada no que foi difundido por Adam Smith (1776), quando um país pudesse produzir um bem com menores recursos que outro, este primeiro possuía uma vantagem absoluta na produção do bem. Muito frequentemente essa é uma situação criada referente a um histórico de especialização de uma determinada economia, o que também muitas vezes não é bem verdade para produtos agrícolas que sofrem com as condições de sazonalidade em sua produção.

Adam Smith preconizou a Teoria das Vantagens Absolutas, onde o produto com menor custo de produção deveria ser o foco de produção do país, enquanto aqueles com custos de produção mais elevados deveriam ser trocados com países onde os mesmos tivessem menores custos de produção. A maior questão nessa teoria é que o comércio internacional (que beneficia a todos) só se dá entre nações que possuem vantagem e desvantagem em pelo menos um produto. David Ricardo desenvolveu essa ideia com a Teoria das Vantagens Comparativas (FERNANDES, WANDER e FERREIRA, 2008).

Porém o que também precisa ser considerado em termos de comércio internacional é que deve se analisar a produtividade em termos relativos do bem que o país produz, dessa forma deve-se comparar o quanto custa produzir o mesmo bem em diferentes países. Aquele que apresentar o menor custo possui vantagem na produção do mesmo. Quando se considera a produtividade e os custos relativos, o conceito de vantagem comparativa passa a ser utilizado.

Até o passado recente, a competitividade da cadeia agroindustrial de carne bovina fundamentou-se, em grande parte, em vantagens de custos na produção agropecuária, com base em recursos naturais abundantes e poucas restrições ambientais (BUAINAIN e BATALHA, 2007).

Análises de competitividade através de indicadores de desempenho fundamentam-se na teoria explicitada por David Ricardo em 1817, e em seus desenvolvimentos posteriores.

Esse conceito foi desenvolvido com o intuito de provar que é vantajoso para um país sua especialização, e é assim definido por Krugman (2005). Um país possui uma vantagem comparativa na produção de um bem se o custo de oportunidade (o custo de oportunidade representa o custo associado a uma determinada escolha medido em termos da melhor oportunidade perdida. Por outras palavras, o custo de oportunidade representa o valor que atribuímos à melhor alternativa de que prescindimos quando efetuamos a nossa escolha) da produção desse bem em relação aos demais é mais baixo nesse país do que nos outros.

A explicação do padrão de trocas depende então, da rapidez com que novos produtos e processos de produção são inseridos no mercado (revelando as vantagens absolutas), versus a rapidez com que as empresas ajustam os respectivos preços e custos (revelando as vantagens comparativas).

A investigação do por que determinados segmentos produtivos são mais eficientes ou têm melhor desempenho tecnológico em um país do que em outros privilegiou as características do mercado doméstico como determinantes daquela questão original. (GUIMARÃES, 1997)

Figueiredo et al. (2005) afirmam que grande contribuição ao entendimento da competitividade no comércio internacional foi dada por Bela Balassa (1965), onde desenvolve a Teoria das Vantagens Comparativas Reveladas. Esse método surgiu como uma proposta alternativa para identificar setores nos quais um país possui vantagem comparativa na produção e, por conseguinte, na exportação. Ponciano (1995) e Santos et al. (2005), argumentam que nesse método, a vantagem comparativa é considerada como revelada porque sua quantificação se baseia em dados ex-post, ou seja, pós-comércio.

O Índice de Vantagem Comparativa Revelada (IVCR) revela se um determinado país ou estado possui vantagem comparativa no comércio de um determinado produto ou setor no mercado. Isso pressupõe eficiência na comercialização e especialização do mesmo. (BALASSA, 1977)

Esse conceito deu origem aos mais difundidos indicadores de desempenho, sendo mais comumente utilizada a relação, para um determinado país (ou região), entre sua participação nas exportações de determinado produto ou setor, e sua participação nas exportações totais, para um conjunto de referência (países, país ou regiões) (COUTINHO e FERRAZ, 1993)

A Vantagem Comparativa Revelada pode ser definida pela seguinte expressão:

$$IVCR = \frac{\left(\frac{X_k^i}{X_k} \right)}{\left(\frac{X_i}{X} \right)} \quad (1)$$

Onde X_k^i é a exportação da mercadoria k pelo estado i; X_k é o total da exportação da mercadoria k pela região ou economia de referência; X_i é o total das exportações do estado i; X é o total de exportações da região ou economia de referência.

Quando esse indicador é maior que um a economia analisada apresenta vantagem comparativa em relação à economia de referência no produto observado, e desvantagem quando o indicador é menor que um.

Este índice preserva os pressupostos clássicos da concorrência perfeita, dessa forma ignora barreiras comerciais, tarifas de importação, subsídios às exportações, enfim, fatores exógenos à teoria clássica que afetam as exportações.

Hidalgo (1998) e Figueiredo e Santos (2005), proferem que enquanto as vantagens comparativas refletem os fluxos comerciais, determinados pelos custos relativos de produção, sob a pressuposição de um comércio livre de intervenções, a competitividade reflete os diferenciais de preços de mercado. Dessa forma, essa competitividade incorpora diversas variáveis que influenciam os preços de mercado, como custos de comercialização, subsídios, impostos e outras.

Ao analisar a vantagem comparativa revelada, algumas limitações podem surgir devido ao protecionismo inerente às relações comerciais, como tarifas sobre importação, subsídios às exportações, poder de mercado, desalinhamento cambial e outras que, em conjunto, podem afetar os resultados da vantagem comparativa revelada.

Essas limitações surgem porque a noção de vantagem comparativa revelada está interligada a fatores estruturais do processo produtivo, sendo associada de forma direta aos custos relativos de produção (FIGUEIREDO e SANTOS, 2005).

O IVCR desenvolvido por Balassa é assimétrico: em situações de vantagem comparativa assume valores entre 1 e ∞ ; em situações de desvantagem varia entre 0 e 1, portanto não está de acordo com a hipótese da normalidade em uma análise de regressão. Assim, Laursen e Engendal (1995) desenvolveu o Índice (Simétrico) da Vantagem Comparativa Revelada, obtido assim:

$$IVCR_{simétrico} = \frac{(IVCR - 1)}{(IVCR + 1)} . \quad (2)$$

O IVCR (Simétrico) assume valores entre -1 e +1, com um valor médio centrado em zero quando o IVCR (Simétrico) encontra-se entre 0 e +1, o produto (grupo setorial) da economia analisada apresenta vantagem comparativa, e quando o IVCR (Simétrico) está entre 0 e -1, o produto (grupo setorial) apresenta desvantagem comparativa.

Ao utilizar o IVCR e o IVCR (Simétrico), Silva e Montalvan (2008) destacaram que estes índices servem para analisar o padrão de comércio de uma economia, apesar de não levarem em consideração as distorções de um país, região ou estado, como a política tributária e cambial que afetam o comportamento das exportações.

O índice revela, portanto, o nível das exportações de determinado país em relação a sua pauta, bem como a comparação do bem entre diferentes países. Permite também definir o padrão de especialização do país em nível internacional e interno.

A formulação do índice de vantagens comparativas, ainda apresenta-se como um bom ferramental à medida que possibilita a análise dos fatores explicativos do comércio de cada país ou região.

Para Holland e Xavier (2005) o IVCR é apenas uma variável de resultado, que tenta captar os efeitos finais do comércio internacional, sem que exista nenhuma interação compulsória entre oferta de fatores e os efeitos finais do comércio internacional.

2.2 Índice Comparativo do Saldo Comercial (ICSC)

O indicador de vantagens comparativas reveladas (VCR), clara e intencionalmente considera apenas as exportações - como pode ser percebido pelo índice descrito no referencial teórico - no cálculo da posição competitiva de um setor de um país, sem nenhuma referência aos fluxos de importações. A justificativa fornecida por Balassa para tal exclusão é que tais fluxos estariam sujeitos a vieses originários dos diferentes níveis de proteção dos diferentes países (Balassa, 1977). O problema é que, de acordo com Lafay (1990), os fluxos de exportações também são condicionados pela estrutura de promoções das exportações (subsídios fiscais e/ou financeiros), resultando inexoravelmente em vieses diferenciados entre os países nos índices que se baseiam apenas em tais fluxos.

Desse modo, os indicadores de desempenho propostos por Balassa foram aprofundados em trabalhos de Lafay a partir de 1987, que optou por conferir igual peso às importações e às exportações, amparado pela argumentação de que os esforços de liberalização comercial atenuaram as distorções protecionistas e de que informações sobre a

penetração das importações são tão importantes quanto aquelas sobre exportações, podendo levar a conclusões diferentes sobre vantagens comparativas (COUTINHO e FERRAZ, 1993). Dos indicadores desenvolvidos por Lafay, o mais frequentemente utilizado é o índice de contribuição ao saldo comercial, baseado na ideia de que, através da normalização dos saldos comerciais (saldo comercial teórico), podem ser descontados os efeitos de fatores conjunturais responsáveis por superávits ou déficits comerciais globais, e a vantagem comparativa revelada representaria a balança comercial normalizada para um produto ou setor, correspondendo a uma situação hipotética de equilíbrio comercial (VASCONCELOS, 2003).

Consiste, portanto, em uma comparação do saldo comercial observado para um determinado produto ou setor, com o saldo teórico esperado caso o saldo global do país (ou região) em questão estivesse uniformemente distribuído entre todos os produtos ou setores, de acordo com sua participação no comércio global do país ou região (COUTINHO e FERRAZ, 1993). Além do saldo comercial efetivo ser positivo de acordo com a competitividade, ele também deveria ser superior ao saldo global uniformizado pela participação do grupo setorial “k” no fluxo total do país “i”.

Esse indicador é descrito assim:

$$ICSC = \frac{100}{(X_i + M_i)} * \left[(X_k - M_k) - \frac{(X_i - M_i) * (X_k + M_k)}{(X_i + M_i)} \right] \quad (3)$$

Em que X_k é a exportação do setor k do estado; M_k é a importação do setor k do estado; X_i é a exportação total do estado; M_i é a importação total do estado.

Quando o índice maior que zero, o produto k (grupo setorial) apresenta vantagem comparativa revelada, e desvantagem quando esse indicador é menor que zero.

Dessa forma, o que importa nesse tipo de indicador de vantagem comparativa é a capacidade de um setor ser “relativamente superavitário”, ou “relativamente deficitário” no caso de desvantagens comparativas, e não apenas seu saldo comercial absoluto.

Holland e Xavier (2005) destacaram que o Centro de Estudos Prospectivos em Informações internacionais desenvolveu na década de 1980, o Índice de Contribuição ao Saldo Comercial Normalizado (ICS) descrito como:

$$ICS = \frac{1000}{PIB_i} * \left\{ \left[100 * \frac{(X_k - M_k)}{2} \right] - \left[100 * \frac{(X_i - M_i)}{2} \right] * \left[\frac{(X_k + M_k)}{(X_i + M_i)} \right] \right\} \quad (4)$$

Onde X_k e M_k é a exportação e importação do produto ou setor k da economia e X e M é a exportação e importação total da economia, quando esse indicador é maior que zero a economia analisada apresenta vantagem comparativa e desvantagem quando menor que zero.

Segundo Lafay (1990), outra característica positiva do indicador CS, tal como definido acima, consiste na ponderação do índice pelo PIB de cada país, visando minimizar a influência do comércio interindustrial (denominado de “fluxos minoritários”) nos saldos comerciais. Adicionalmente, a grande vantagem de um indicador desse tipo é que ele não é afetado por variações nas taxas reais de câmbio e/ou juros, sendo independente da conjuntura macroeconômica.

Em desenvolvimentos posteriores, esse indicador passou a expressar o saldo comercial do produto ou setor em milésimos do Produto Interno Bruto (PIB) da economia analisada, e não mais em centésimos da média simples entre exportações e importações globais. A divisão do saldo por variáveis econômicas internas justifica-se pela necessidade de eliminar o viés introduzido, no denominador do indicador, pelo uso do valor do comércio setorial (COUTINHO e FERRAZ, 1993).

3. METODOLOGIA

Num primeiro momento realizou-se uma pesquisa do tipo bibliográfica, a partir de livros e artigos científicos direcionados ao tema em questão. Posteriormente, utilizaram-se registros estatísticos para servirem de base para o cálculo dos índices de competitividade.

Para Gil (2008), a coleta de dados a partir de registros estatísticos é muito mais simples do que qualquer outro procedimento direto. Vale ressaltar que esse procedimento exige que o autor tenha um planejamento bem delineado e que saiba detectar fontes confiáveis de registros. O método utilizado foi o quantitativo, onde visa mostrar se há vantagem competitiva na bovinocultura de corte sul mato-grossense.

As variáveis utilizadas no trabalho foram as exportações e importações de carne bovina no estado de Mato Grosso do Sul e no Brasil, assim como as exportações totais do estado e do Brasil, e o PIB do Mato Grosso do Sul para o período referente de 2005 a 2012.

Os dados utilizados acerca das exportações e importações de carne bovina de Mato Grosso do Sul, e suas exportações e importações totais, foram extraídas da Superintendência de Indústria e Comercio (SIC), que usou como fonte de dados a Secretaria do Comércio

Exterior (SECEX) e a Secretaria de Estado de Meio Ambiente, do Planejamento, da Ciência e Tecnologia (SEMAC).

Os dados utilizados acerca das exportações de carne do Brasil e o total de suas exportações foram extraídas da Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carne (ABIEC), e da Secretária de Estado de Desenvolvimento Econômico e da Ciência e Tecnologia (SEDETEC).

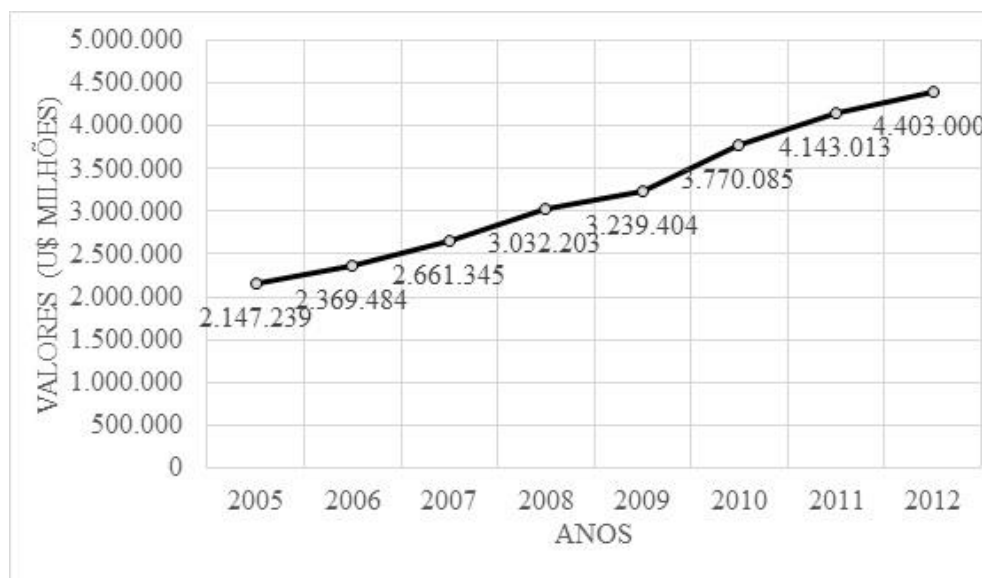
4. RESULTADOS

4.1 O mercado de carne bovina no Mato Grosso do Sul.

As exportações é um fator de grande contribuição na composição do produto interno bruto (PIB). No ano de 2005, as exportações representaram 15,13% no PIB brasileiro, e em 2009 tiveram uma participação de 11,27%, retração essa influenciada pelo panorama mundial econômico em crise.

O gráfico 1 mostra o crescimento do PIB brasileiro de 2005 a 2012, enfatizando o ano de 2010, que é o momento seguinte à fase mais aguda da crise financeira internacional, percebe-se um crescimento da economia nacional em 7,53%. Aumento este devido à participação das exportações no valor de 201,9 milhões de dólares.

Gráfico 1: Produto Interno Bruto do Brasil de 2005 a 2012

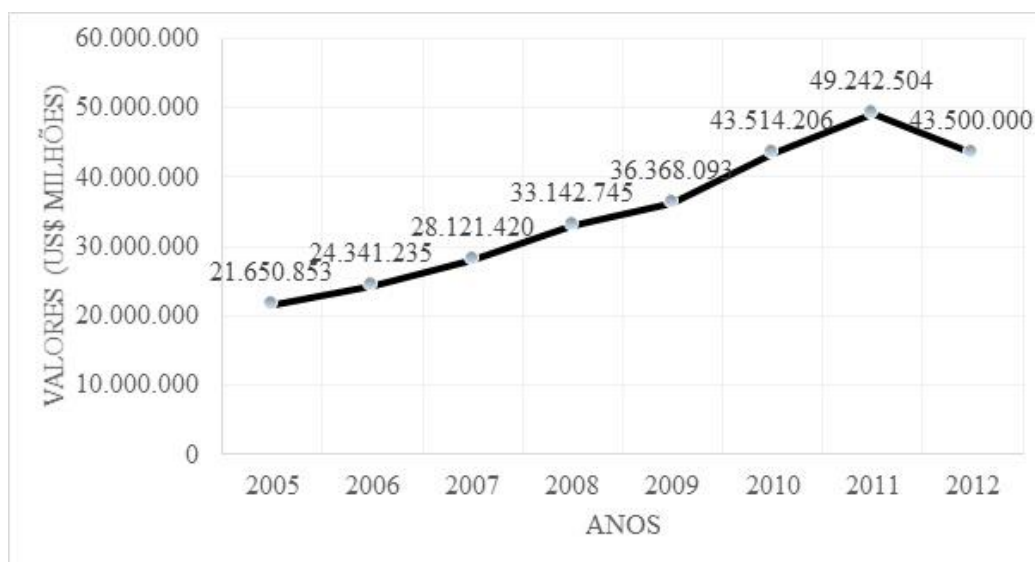


Fonte: Elaboração própria com base nos dados da SEMAC (2013)

Identifica-se no gráfico 2, o constante crescimento do PIB do Mato Grosso do Sul, crescendo em sete anos mais de 100%, indo de US\$ 21,6 milhões em 2005 a US\$ 43,5 milhões em 2012 mostrando uma economia em desenvolvimento, beneficiada em parte pela bovinocultura de corte em ascensão.

O ano de 2009 foi marcado pelos efeitos da crise financeira internacional que se iniciou no final do ano de 2008, os seus efeitos foram sentidos em vários setores da economia, principalmente os setores exportadores que reduz em 7,5% os valores exportados para o exterior em dólares. (SEMAC, 2013).

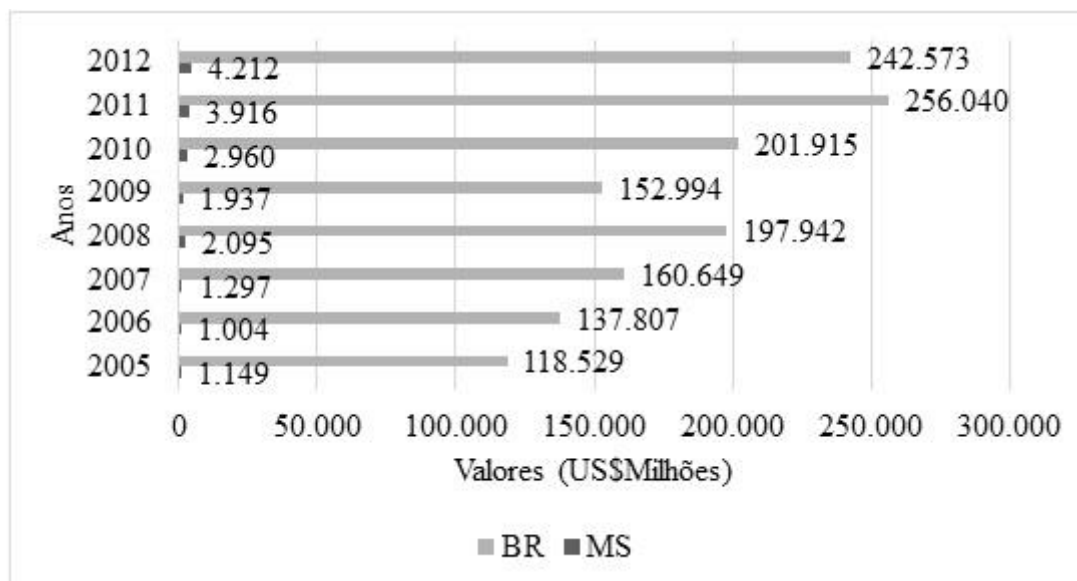
Gráfico 2 – Produto Interno Bruto de Mato Grosso do Sul de 2005 a 2012



Fonte: Elaboração própria com base nos dados da SEMAC (2013)

Observando o gráfico 3 é perceptível que o Brasil sofreu grandes impactos nas suas exportações totais, consequência da crise mundial que afetou consideravelmente todas as transações do comércio exterior.

Gráfico 3 – Exportações totais do Brasil e Mato Grosso do Sul de 2005 a 2012

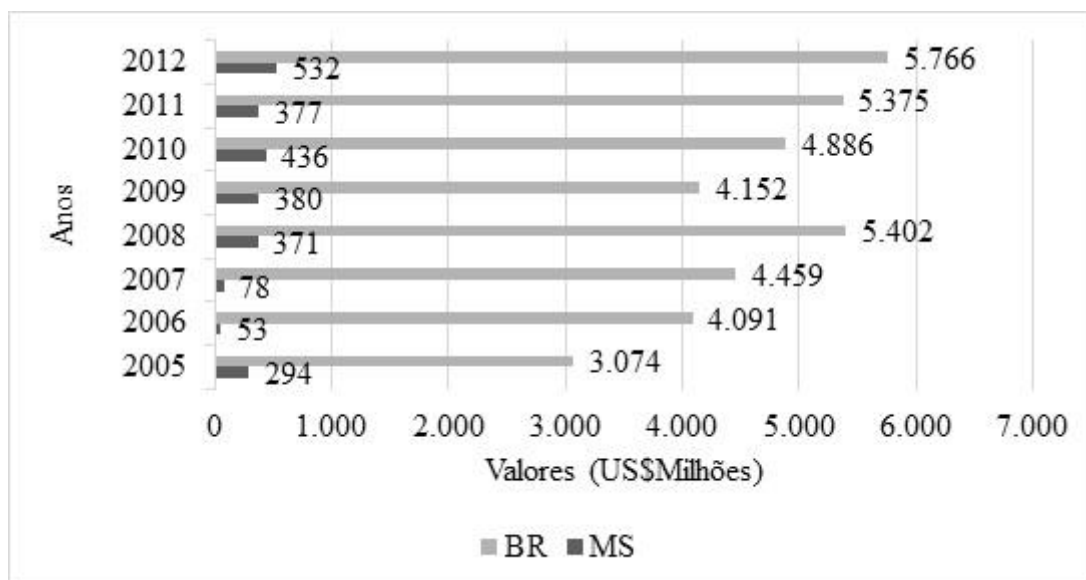


Fonte: Elaboração própria com base nos dados da SECEX/ABIEC (2012)

O Estado de Mato Grosso do Sul sofreu impactos adversos no ano de 2005 devido ao aparecimento de um foco de febre aftosa no sul do Estado, afetando negativamente os preços e a comercialização dos produtos pecuários, comprometendo outros segmentos e outras regiões, com reflexos para toda a economia estadual, que perdeu espaço no mercado mundial da carne (SEMAC, 2013).

É possível ver no gráfico 4, a discrepância entre os anos de 2005 a 2007 das exportações de carne no Mato Grosso do Sul devido ao surto da aftosa no estado, que resultou em barreiras sanitárias impostas pelos países importadores da carne do estado, em especial a Rússia, que é a maior importadora da carne do estado, consequentemente, reduzindo as exportações.

Gráfico 4 – Exportações de carne do Brasil e Mato Grosso do Sul de 2005 a 2012



Fonte: Elaboração própria com base nos dados da SECEX/ABIEC (2012)

No entanto, apesar da infestação da doença, em um panorama geral, o Brasil não demonstrou sofrer impactos nas exportações de carne nesses anos, já que os outros estados exportadores, como Mato Grosso, Minas Gerias, São Paulo e Goiás, em conjunto foram responsáveis por 83% das exportações de carne bovina do país (SECEX/MDIC, 2008), não sofreram com o “mal da vaca louca”, e tiveram suas exportações elevada, para compensar o mercado externo que era abastecido pelo rebanho sul mato-grossense. Portanto, mantendo o nível de exportações brasileiras de carne bovina nesses anos.

Já no ano de 2009, assim como as exportações totais brasileiras foram reduzidas pela crise internacional, as exportações de carne do país também sofreram queda, influenciadas pelas alterações na economia mundial.

No entanto, somente analisar esses dados não mostra quão competitivo é o setor de bovinocultura de corte, e nem quanto a crise internacional teve influência no setor exportador, assim como, não é possível identificar os melhores ou piores anos, para o estado de Mato Grosso do Sul. Para tal, é necessário o uso de indicadores, que reflitam a competitividade, e que contribuam para identificar os impactos sofridos devido ao colapso econômico mundial, como o IVCR e o ICSC.

4.2 Análises dos resultados obtidos a partir do Índice de Vantagem Comparativa e do Índice Comparativo do Saldo Comercial

Em relação ao IVCR simétrico, nos cinco anos de análise, os índices ficaram positivos, isto é, acima de zero, que pode ser visto na tabela 1, e que significa que em toda essa série temporal analisada, Mato Grosso do Sul teve um desempenho competitivo em relação ao mercado brasileiro de carne bovina.

Tabela 1: IVCR e IVCR simétrico de Mato Grosso do Sul em relação ao Brasil (2005-2012)

Ano	IVCR	IVCR simétrico
2005	9,86	0,81
2006	1,77	0,28
2007	2,16	0,36
2008	6,48	0,73
2009	7,22	0,75
2010	6,08	0,71
2011	4,58	0,64
2012	5,31	0,68

Fonte: Elaboração dos autores.

O ano de 2005 foi o que apresentou o índice mais alto, que pode ser explicado pelo maior crescimento das exportações de carne bovina sul mato-grossense, relativamente ao crescimento das exportações brasileiras. Com um todo, as exportações de carne, tanto do país como do estado foram beneficiadas com o surto da doença da “vaca louca” que reduziu as exportações da Europa e aumentou suas importações, principalmente por gado que não fosse alimentado por ração animal (SALOMÃO, 2004).

De acordo com o Semac (2013), mesmo com o setor pecuário apresentando uma taxa negativa de -1,9%, influenciado pelos impactos do aparecimento de foco da febre aftosa em municípios do sul do Estado, ainda assim, o estado mostrou vantagem comparativa revelada.

Os problemas vistos no ano anterior ficaram evidentes no ano de 2006, onde o índice diminui em relação ao de 2005, devido as exportações de carne no estado que reduziram em 82%, passando de 294 milhões a 53 milhões, porém, ainda assim mostrou vantagem comparativa revelada.

Isso ocorreu pelo fato de que no ano de 2006 a economia do Estado de Mato Grosso do Sul apresentou sinais de recuperação em relação às dificuldades enfrentadas nos anos anteriores. Com um Produto Interno Bruto avaliado em R\$ 24,34 bilhões, a economia estadual em 2006 obteve uma taxa global de crescimento de 5,16%.

No setor da pecuária houve queda de 3,32% no Produto Interno Bruto de 2006 comparando com o ano anterior (SEMAM, 2013). Esse desempenho refletiu-se principalmente

na queda do rebanho verificada no período, quando o efetivo bovino caiu de 24,5 mil cabeças em 2005 para 23,8 mil em 2006, representando uma redução de 3,17% em rebanho.

Visto na Semac (2013), a Indústria de Transformação tem o menor crescimento naquele ano 1,0%, atividade afetada pelas dificuldades enfrentadas pela indústria de alimentos. Esta parte da indústria ligada à produção de carne e leite enfrentou um ano com retração na atividade e perda de preços, sendo alcançada pelos efeitos negativos da febre aftosa que atingiu o sul do Estado, porém com reflexos em todo o Mato Grosso do Sul.

No ano de 2008, o índice teve um crescimento expressivo de 376%, onde elevou de 2,16 para 6,48, o que revelou vantagem comparativa revelada. Razões para tal elevação se tornam evidentes através da participação da pecuária no PIB/MS em 16,6%, explicitado pela Semac (2013).

O bom desempenho observado na economia sul-mato-grossense, em 2008, foi influenciado pela agropecuária, atividade que é constituída pela produção animal e vegetal, formando o Setor Primário da economia que teve um crescimento real de 3,57%, taxa inferior àquela obtida em 2007, quando havia registrado 9,93% (SEMAM, 2013).

Em 2010, a economia nacional e internacional se apresentou com maior ânimo, contribuindo positivamente no comportamento dos setores produtivos de Mato Grosso do Sul, ainda assim, o índice decresceu, porém continuou mostrando competitividade revelada.

O baixo desempenho da economia brasileira, crescendo 2,73%, influenciado por problemas estruturais internos e pela lenta recuperação por que vem passando as economias dos blocos liderados pelos Estados Unidos e Europa, provavelmente tenham ajudado no baixo desempenho da economia estadual, no ano de 2011. Tal desempenho levou a uma baixa no índice de 2,5, efeito da queda de 5,73% no setor primário (SEMAM, 2013).

Para o ano de 2012, constata-se que o índice teve um aumento circunstancial, resultado advindo da redução dos preços da carne bovina e aumento das exportações. Assim como, o aumento no abate de bovinos no estado, que neste ano teve uma variação de 12,8%.

De acordo com o IPCA/IBGE (Índice de Preços ao Consumidor Amplo), que mensura a variação de preços referentes ao consumo pessoal, enquanto a carne bovina apresentou decréscimo de preço no acumulado de 2012 (-1,55%), todos os principais concorrentes da carne bovina (Carne de porco; Carne de carneiro; Pescados; Carnes e peixes industrializados; Aves e ovos) tiveram preços aumentados.

Em relação ao ICSC ajustado com o PIB, visto na tabela 2, percebe-se que com exceção do ano de 2005, todos os outros anos houve vantagem comparativa revelada da carne bovina sul mato-grossense em relação ao saldo comercial.

Tabela 2: ICSC com PIB e ICSC de Mato Grosso do Sul (2005-2012)

Ano	ICSC com PIB	ICSC
2005	-0,39	12,31
2006	3,85	1,67
2007	4,12	1,89
2008	6,71	7,49
2009	2,74	8,78
2010	1,16	6,22
2011	1,29	3,54
2012	2,50	4,75

Fonte: cálculo e elaboração feitos pelos autores com dados da SECEX/SEMAC

Porém, analisando o ICSC percebe-se que, o ano de 2005, teve desvantagem comparativa. Essa diferença se deve ao fato de que o impacto negativo dos efeitos dos focos de febre aftosa que atingiram o Estado provocou perdas expressivas no setor, com a eliminação de animais para atendimento das exigências sanitárias, perda de mercado, com o Estado ficando praticamente impossibilitado de exportar carne e outros derivados da pecuária, reduzindo com isso, a renda do produtor e do setor, com reflexos para toda economia.

Houve também aos embargos russos e chilenos decorrentes dos surtos da febre aftosa no Brasil, em que ocorreu uma queda da sua quantidade importada. Outro aspecto que chama a atenção é a variação do preço médio pago pela carne brasileira, que está relacionada ao tipo de carne (industrializada, resfriada ou congelada) e ao mercado comprador. Comparando o ano de 2005 com 2006, o preço médio da tonelada de carne se elevou, mesmo com o cenário desfavorável, o surto de febre aftosa e desvalorização do dólar.

Desta maneira, os diferentes índices apresentados, e as conclusões distintas, se dão pela maneira de calcular os índices e as variáveis que são levadas em consideração. Assim, para o ano de 2005, com o ICSC com o PIB demonstrou desvantagem comparativa revelada para o setor.

O ano de 2008 foi o que alcançou o maior valor, mostrando competitividade revelada. Isso pelo fato de que a economia estadual crescera a uma taxa de 6,36% a.a.,

mantendo um bom ritmo de desempenho (SEMAC, 2013). E foi neste ano que a Rússia, como maior compradora, desfez o embargo, e voltou com a importação de carne bovina brasileira, e principalmente sul mato-grossense.

O ano de 2009 teve o índice retraído em relação ao de 2008. O desempenho da economia sul-mato-grossense no ano de 2009 foi afetado pelos efeitos da crise financeira internacional, que atingiu os grandes mercados consumidores ao redor do mundo, tendo forte reflexo nos setores produtivos. De acordo com a Semac (2013) a agropecuária foi a menor contribuição para o PIB estadual com retração de 13,5%, influenciando o baixo PIB.

No ano de 2012, o índice obteve um ligeiro aumento, ocasionado pelo aquecimento do mercado interno sul mato-grossense, assim como a recuperação dos mercados externos e, conseqüentemente, a elevação nas exportações de carne.

Portanto, percebe-se através dos índices que o mercado de carne bovina sul mato-grossense é competitivo em escala nacional e que tem papel fundamental na formação do PIB do estado.

5. CONCLUSÃO

Com a análise da competitividade da carne bovina de Mato Grosso Do Sul realizada frente ao mercado nacional, constata-se que o estado possui vantagem comparativa revelada, mostrando um mercado competitivo, e que tem papel fundamental na formação do PIB do estado, sendo de grande valia para o setor econômico estadual.

O índice de vantagem comparativa revelada (IVCR) mostrou-se uma ferramenta eficaz para avaliar a competitividade dos produtos da pecuária no mercado nacional. O índice IVCR revelou o elevado grau de competitividade da carne sul mato-grossense.

O índice de contribuição ao saldo (ICS) ajustado pelo PIB mostrou que o estado, apenas em 2005, obteve desvantagem comparativa revelada no setor de carne bovina, decorrente das diminuições das exportações e o embargo da carne pela maior exportadora, a Rússia, devido ao surto de febre aftosa. Portanto, maiores investimentos em fiscalização e controle desses surtos, maior a competitividade do Estado.

Para futuros artigos relacionados ao tema, sugere-se distinguir os tipos de produtos provenientes da pecuária, como separação em carne bovina in natura, ou congelada, e analisar qual possui mais vantagem comparativa revelada, e maior impacto no setor.

REFERÊNCIAS

Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carnes (Abiec). Disponível em: <http://www.abiec.com.br/>. Acesso em: 21 de maio de 2013.

BALASSA, B. **Trade Liberaization and “Revealed” Comparative Advantage.** The Manchester School of Economic and Social Studies, 1965.

_____. **‘Revealed comparative advantage revisited: an analysis of relative export shares of industrial countries, 1953 - 1971.** The Manchester School, v. XLV nº 4, pp. 327-344, 1977

_____. **Comparative Advantage, Trade Policy and Economic Development.** New York: University Press. 1989.

BATALHA, M. O. **Gestão agroindustrial.** São Paulo: Atlas, 2008.

BATISTA, J. C. **Desvalorização cambial e as exportações brasileiras para os Estados Unidos.** Revista Brasileira de Comércio Exterior, Rio de Janeiro, v. 15, n. 70, p. 4-15, 2002.

BUAINAIN, A. M.; BATALHA, M. O. (Coords.). **Cadeia produtiva da carne bovina.** Brasília: IICA/ MAPA/SPA, 2007

COELHO, J. R. R. **Índice Fiesp de Competitividade das Nações (IC-Fiesp).** São Paulo: Fiesp, 2005.

COUTINHO, L. G.; FERRAZ, J. C. **Estudo da Competitividade da indústria brasileira: sistema de indicadores da competitividade.** Campinas: UNICAMP/UFRJ/PDC/ FUNCEX, 1993.

CRUZ, C. M. L; ROSSETO, C. R. **Análise das oportunidades e ameaças no negócio leiteiro na região do Condepro: Um estudo baseado no modelo de competitividade sistêmica.** In: XXV Enanpad – Encontro Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Administração, 2001. Campinas/SP

DALUM, B.; LAURSEN, K. & VILLUMSEN, G. **The long-term development of OCDE export specialisation patterns: de-specialization and “stickiness.** DRUID, Working Paper nº96-14, 1996.

FERNANDES, S. M.; WANDER, A. E.; FERREIRA, C. M. **Análise da competitividade do arroz brasileiro: vantagem comparativa revelada.** In: XLVI Congresso da Sociedade

Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural: Amazônia, mudanças globais e agronegócio: o desenvolvimento em questão, 2008.

FIGUEIREDO, A. M.; SANTOS, M. L. **Evolução das vantagens comparativas do Brasil no comércio mundial de soja**. Revista de Política Agrícola. Ano XIV, 2005.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 2008.

GUIMARÃES, E. P. **Evolução das teorias do comércio internacional**. In: Estudos em comércio exterior. (Curso de Pós-Graduação em Comércio Exterior). UFRJ, Rio de Janeiro. v.1, nº 2, 1997.

HIDALGO, Á. B.; **Especialização e competitividade do Nordeste no mercado internacional**. Revista Econômica do Nordeste, Fortaleza, v. 29, p.491-515, 1998.

HOLLAND, M.; XAVIER, C. L. **Dinâmica e Competitividade Setorial das Exportações Brasileiras: Uma Análise de Painel para o Período Recente**. Economia e Sociedade, Campinas, v. 14, n.1, p.85-108, 2005.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/>. Acesso em: 21 de maio de 2013

KRUGMAN, P. R.; OBSTFELD, M. **Economia Internacional - Teoria e Política**. São Paulo: Pearson Education, 2005.

LACAYO, R; MORALES, C. **An analisys of the performance of Chilean agricultural exports (1994-2004)**. In: INCI – Interciencia, Vol. 32, n.5, Caracas, 2007.

LAFAY, G. **Mesure des avantages comparatifs reveles**. Économie perspective intenationale, Paris, n.41, 1990

LAURSEN, K. & ENGENDAL. **The role of the technology factor in economic growth: a theoretical and empirical inquiry into new approaches to economic growth**. MA dissertation. University of Aalborg, 1995.

MAIA, S. F. **Impactos da abertura econômica sobre as exportações agrícolas brasileiras: análise comparativa**. In: XL Congresso da Sociedade Brasileiro de Economia e Sociologia Rural: Equidade e eficiência na agricultura brasileira, 2002.

Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comercio Exterior (MDIC). **Secretaria de Comércio Exterior (SECEX)**. Disponível em: <http://www.aliceweb.desenvolvimento.gov.br/>. Acesso em: 21 de maio de 2013.

PAIS, P. S. M; GOMES, M. F. M; CORONEL, D. A. **Análise da competitividade das exportações brasileiras de minério de ferro, de 2000 a 2008.** Revista de Administração Mackenzie, Vol.13, 2012.

PONCIANO, N. J. **Segmento exportador da cadeia agroindustrial do café brasileiro.** Dissertação de Mestrado em Economia Rural, UFV, 1995.

SALOMÃO, A. **Os da Carne.** Revista Exame. São Paulo, 2004.

SANTOS, C. M.; CAMPOS, A. C. **Indicadores de Competitividade de Suco de Laranja Concentrado e Congelado - SLCC, 1980-2002.** In: XLIII Congresso da Ribeirão Sociedade Brasileiro de Economia e Sociologia Rural: Instituições, Eficiência, Gestão e Contratos no Sistema Agroindustrial, 2005.

Secretária de Estado de Desenvolvimento Econômico e da Ciência e Tecnologia (SEDETEC). Disponível em: <http://www.sedetec.se.gov.br/>. Acesso em: 21 de maio de 2013

Secretaria de Estado de Meio Ambiente, de Planejamento, da Ciência e Tecnologia (SEMAC). Disponível em: <http://www.semac.ms.gov.br/>. Acesso em: 21 de maio de 2013.

Serviço de Informação da Carne (SIC). Disponível em <http://www.sic.org.br/>. Acesso em: 21 de maio de 2013

VASCONCELOS, C. R. F. **Padrão de especialização do fluxo de comércio exterior do Rio Grande do Sul na década de 1990.** In: Encontro de economistas de língua portuguesa. Recife, PE, 2003

VICENTE, J. **Competitividade do agronegócio brasileiro, 1997-2003.** In: Scientia Agrícola. São Paulo, v. 52, n. 1, p. 5-19, 2005.